

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM
LETRAS – ESPANHOL/LITERATURAS

INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA

2º semestre



PROGRAD

FNDE



Educação
Ministério da Educação

Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Ministro do Estado da Educação Fernando Haddad
Secretária da Educação Superior Maria Paula Dallari Bucci
Secretário da Educação a Distância Carlos Eduardo Bielschowsky

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Clóvis Silva Lima
Vice-Reitor Felipe Martins Muller
Chefe de Gabinete do Reitor João Manoel Espina Rossés
Pró-Reitor de Administração André Luis Kieling Ries
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis José Francisco Silva Dias
Pró-Reitor de Extensão João Rodolfo Amaral Flores
Pró-Reitor de Graduação Jorge Luiz da Cunha
Pró-Reitor de Planejamento Charles Jacques Prade
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa Helio Leães Hey
Pró-Reitor de Recursos Humanos João Pillar Pacheco de Campos
Diretor do CPD Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação a Distância

Coordenadora de EaD Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Vice-Coordenadora de EaD Roseclea Duarte Medina
Coordenador de Pólos Roberto Cassol
Gestão Financeira José Orion Martins Ribeiro

Centro de Artes e Letras

Diretor do Centro de Artes e Letras Edemur Casanova
Coordenadora do Curso de Letras/Espanhol Maria Tereza Marchezan

Elaboração do Conteúdo

Professora pesquisadora/conteudista Silvana Schwab do Nascimento

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Carlos Gustavo Matins Hoelzel
Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann
Sílvia Helena Lovato do Nascimento
Volnei Antônio Matté
Ronaldo Glufke
André Krusser Dalmazzo
Edgardo Gustavo Fernández

Desenvolvimento da Plataforma

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Gestão Administrativa

Lígia Motta Reis

Gestão do Design

Diana Cervo Cassol

Designer

Evandro Bertol

ETIC - Bolsistas e Colaboradores

Orientação Pedagógica

Elias Bortolotto
Fabrício Viero de Araujo
Gilse A. Morgental Falkembach
Leila Maria Araújo Santos

Revisão de Português

Andrea Ad Reginatto
Maísa Augusta Borin
Marta Azzolin
Rejane Arce Vargas
Samarlene Pilon
Sílvia Helena Lovato do Nascimento

Ilustração

Cauã Ferreira da Silva
Evandro Bertol
Júlia Rodrigues Fabrício
Mariana Rotilli dos Santos
Natália de Souza Brondani

Diagramação

Criscia Raddatz Bolzan
Gabriel Barbieri
Leonardo Moreira Fabrin
Luiza Kessler Gama
Naieni Ferraz
Victor Schmitt Raymundo

Suporte Técnico

Adílson Heck
Ândrei Componogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

Apresentação da disciplina.....	5
1. A história da linguagem	6
1.1. A linguagem na história e como história	6
1.2. Algumas considerações a respeito dos antecedentes dos estudos linguísticos no mundo	8
1.3. Precusores dos estudos linguísticos	9
2. Linguística: a ciência da linguagem.....	12
2.1. O signo linguístico.....	12
2.2. A linguística como ciência interdisciplinar.....	17
3. Correntes estruturalistas	22
3.1. Saussure	22
3.2. Funcionalismo	23
4. Correntes formalistas.....	27
4.1. A gramática gerativo- transformacional: a teoria chomskyana.....	27
4.2. Reação às idéias de chomsky.....	28
4.3. A semântica gerativa	29
Referências bibliográficas.....	31

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A disciplina de Introdução à Linguística tem como objetivo fazer com que compreendamos os conceitos básicos que envolvem os estudos linguísticos; diferenciar suas principais correntes; conhecer os teóricos basilares e seus textos fontes. Para isso, teremos que fazer leituras de textos da área e, a cada semana, sempre comentá-los a fim de sanarmos as possíveis dúvidas.

Esta disciplina é de suma importância, pois fará com que compreendamos melhor as questões que envolvem a linguagem. Além disso, como futuros profissionais da área da linguagem, precisamos conhecer as teorias linguísticas a fim de que elas nos auxiliem na nossa prática docente.

A disciplina possui 60 h/a. e para melhor nos organizarmos, as atividades serão realizadas em 8 semanas. Abaixo segue um cronograma dos objetivos, leituras e atividades que desenvolveremos a cada uma dessas semanas. Bons estudos!

Silvana Schwab do Nascimento

1. A HISTÓRIA DA LINGUAGEM

1.1. A LINGUAGEM NA HISTÓRIA E COMO HISTÓRIA

Vamos, neste primeiro momento, conhecer um pouco a história da linguagem e como ela se constituiu na história. Para isso, vamos mergulhar um pouco no “túnel do tempo”.

Desde os mitos até as mais elaboradas especulações filosóficas, levantou-se sempre o problema das origens da linguagem e seu aparecimento, os seus primeiros passos. As crenças e as religiões atribuem essa origem a uma força divina, aos animais e a seres fantásticos que o homem teria imitado. Não faltam lendas, mitos, cantos, rituais e até polêmicas muito antigas que comprovam tal interesse.

Quando os investigadores modernos se dedicam à “pré-história da linguagem”, entendem por isso as mais antigas etapas conhecidas: quer as mais antigas etapas conhecidas: quer registradas por documentos, quer reconstruídas em estudos comparados, e que permitem assim hipóteses sobre estágios anteriores de que não temos testemunhos. Entre os dados de base para uma reconstrução do passado linguístico, destacam-se, sobretudo, a decifração dos hieróglifos egípcios, das inscrições cuneiformes, das epígrafes dos povos da Ásia Menor ou dos Etruscos, as runas germânicas, os monumentos ogâmicos, etc. A partir destes testemunhos escritos, podem-se fazer deduções referentes não apenas à vida linguística, mas à vida social, em geral, das diversas populações. Por seu lado, a linguística comparada, acompanhando a vida das palavras nas diferentes línguas a sua migração e a sua transformação, pode deduzir certas leis linguísticas que nos permitem reconstruir o passado longínquo da linguagem. A estas investigações juntam-se igualmente as descobertas devidas à decifração do material arqueológico: as epígrafes, os nomes dos deuses, dos lugares, das pessoas, etc., cuja constância e duração na história são um índice seguro que permite o acesso ao passado distante da língua.

Os primeiros estudos que abriam caminho a esta “antropologia linguística” foram os de Edouard Tylor (*Primitive Culture*, 1871, e *Anthropology*, 1881), mas este teve um predecessor inglês, R. G. Latham. Malinowski em 1920 desenvolveu a tese da estrutura linguística como reveladora da estrutura social, e confirmou-a no seu estudo *Meaning in Primitive Languages*. Essa tendência é seguida por outros pesquisadores como Hocard, Haddon, P. E. Firth. Na Europa a antropologia inspira-se nos trabalhos de Saussure e de Meillet, e segue uma orientação linguística nas investigações de Durheim e de Mauss. Entre os americanos, é principalmente a Boas que devemos as formulações mais decisivas e mais comprometidas neste domínio (iremos aprofundar um pouco sobre os estudos desses autores no decorrer da nossa disciplina).

Com a contribuição decisiva dos arqueólogos e dos paleontólogos, a linguística tenta estabelecer como é que a linguagem aparece, pelo menos desde quando é que o homem fala. As hipóteses, nesse sentido, são hesitantes.

Poderemos considerar que a linguagem teve um tempo de desenvolvimento, de progressão lenta e laboriosa no decorrer do qual se transformou no sistema complexo de significação e de comunicação que é hoje, e que a história encontra sempre por mais longe que remonte no passado? Ou então admitiremos, como Sapir, que desde o princípio a linguagem está formalmente completa e que desde que há homem há linguagem como sistema completo como todas as funções que tem atualmente.

Ainda na antiguidade, os antigos hindus são conhecidos pela sua agudeza no tratamento da linguagem verbal. Com a redescoberta do sânscrito (língua sagrada da Índia antiga), no século XIX, apareceram os sofisticados estudos de linguagem que os hindus tinham feito em épocas muito remotas. Os motivos pelos quais eles se interessavam pela linguagem eram religiosos estabelecer pela palavra uma relação íntima com Deus, mas nem por isso seus estudos eram menos rigorosos.

Também na Grécia antiga, os pensadores estendiam-se em longas discussões para saber se as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por pura convenção. Mantinham, ainda, calorosos debates sobre a própria organização da linguagem: ela se organiza, perguntavam eles, de acordo com a ordem existente no mundo, seguindo princípios que têm como referência as semelhanças ou as diferenças.

A formação retórica em Roma, a preservação dos textos religiosos no judaísmo, a difusão das novas religiões proselitistas como o cristianismo e o islamismo, o estabelecimento de tradições literárias vernáculas nos Estados-nações da Europa renascentista são contextos em que a língua, a princípio uma ferramenta, tornou-se um objeto de estudo.

Na Idade Média, a reflexão sobre a linguagem teve nos *Modistae* uma de suas manifestações relevantes. Eles procuraram construir uma teoria geral da linguagem, partindo da autonomia da Gramática em relação à Lógica. Consideram, então, três tipos de modalidades (*modus*) manifestados pela linguagem natural: *o modus essendi* (de ser), *o intellingendi* (de pensamento) e *o significandi* (de significar).

Há, portanto, um número enorme de fatos que mostram essa atenção que os homens de diferentes épocas sempre dedicaram à linguagem. Mas é só com a criação da Linguística que essas manifestações da curiosidade do homem tomam a forma de uma ciência, com seu objeto e método próprios.

Na história da constituição da Linguística há dois momentos-chave: o século XVII, que é o século das *gramáticas gerais*, e o século XIX, com suas *gramáticas comparadas*.

No século XVII, os estudos da linguagem são fortemente marcados pelo racionalismo. Os pensadores da época concentram-se em estudar a linguagem enquanto *representação do pensamento* e procuram mostrar que as línguas obedecem a princípios racionais, lógicos.

1.2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS ANTECEDENTES DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NO MUNDO

Feito um panorama geral dos estudos relativos à linguagem, vamos agora mergulhar um pouco no mundo dos filósofos. O que eles pensavam sobre a linguagem?

A história registrada da linguística ocidental começa em Atenas: Platão foi o primeiro pensador europeu a refletir sobre os problemas fundamentais da linguagem. As questões levantadas em suas obras são cruciais, uma agenda à qual a tradição europeia tem retornado, consciente ou inconscientemente, muitas e muitas vezes ao longo de seu desenvolvimento. Embora diversas ideias tenham sido emprestadas de fontes externas da tradição judaica no início do primeiro milênio depois de Cristo, da linguística hebraica e árabe durante o Renascimento, da Índia por volta de 1800, para citar apenas as mais significativas, a tradição ocidental tem seu próprio e claro padrão de desenvolvimento.

Manifestações de um modo de pensar característico, de uma visão de mundo distintiva, muito mais do que o produto acidental do clima e das circunstâncias, as tendências recorrentes da linguística ocidental podem ser identificadas na maioria dos campos da investigação intelectual: mais marcadamente nas ciências naturais, mas também na filosofia, na cosmologia e no estudo do homem. Isso tem consequências para nossa narrativa, e para a historiografia linguística em geral, em dois planos, o geográfico e o temporal.

No plano geográfico, os estudiosos vão ligar todas as grandes tradições linguísticas numa única sequência cronológica, saltando da Índia à China, à Grécia e a Roma, aos povos semíticos e de volta ao Ocidente. Cada tradição tem sua própria história e só pode ser explicada à luz de sua própria cultura e de seus modos de pensamento. Cada um tem sua contribuição particular a dar à percepção humana da linguagem. Um relato tão abrangente da "história mundial da linguística", de todo modo, tem um efeito distorcivo: colocar um capítulo sobre a linguística na Índia antiga antes de um capítulo sobre a linguística na Grécia poderia sugerir, inevitavelmente, ou que o trabalho dos indianos foi o progenitor da tradição greco-romana, ou que esta tradição substituiu a anterior, duas in-

interpretações históricas tremendamente errôneas. Ambas as tradições se desenvolveram independentemente, e não podem entrar em relação histórica uma com a outra a não ser de maneira artificial. Elas e as demais grandes tradições continuaram a se desenvolver paralelamente até os dias de hoje.

No plano temporal, em contrapartida, embora alguns modos de pensamento permaneçam característicos de uma tradição particular por um longo período de tempo, outros se sucedem uma ao outro mais ou menos rapidamente com efeito cumulativo ou cíclico. A tradição ocidental é marcada por uma importante e irreversível mudança de direção que ocorreu durante o século XV. A linguística, como todos os outros campos de atividade intelectual, teve seu caráter fundamentalmente alterado no Renascimento. Com isso a “transição” da Antiguidade para a Idade Média se prolongou de tal modo e é tão difícil de localizar que podemos mesmo nos perguntar se a periodização tradicional tem alguma validade neste caso: uma divisão entre linguística pré-renascentista e pós-renascentista é, quase sempre, mais adequada. Subdivisões são necessárias para o bem do leitor, mas frequentemente são muito arbitrárias nos rótulos que lhes são anexados. A linguística grega e a romana formam um continuum com a medieval: os romanos se basearam nas iniciativas dos gregos (e, de maneira limitada, desenvolveram-nas), enquanto os pensadores medievais estudaram, digeriram e transformaram a versão romana da tradição linguística antiga. Alguns aspectos do pensamento pré-renascentista, sobretudo a etimologia e a teoria da *littera*, são mais facilmente apreendidos se as ideias antigas e medievais forem consideradas em conjunto; para outros temas, uma discussão cronológica oferecerá um arcabouço adequado.

1.3. PRECURSORES DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Vamos agora nos reportarmos a alguns precursores dos estudos linguísticos. As descobertas desses estudiosos são de suma importância para dar suporte à Linguística enquanto ciência.

Dois momentos são de extrema importância para a constituição da Linguística: o século XVII (século das gramáticas gerais) e o século XIX (com as gramáticas comparadas).

Os séculos XVII e XVIII vão dar continuidade às preocupações dos antigos. Em 1660, a *Grammaire Générale et Raisonnée* de Port Royal, ou *Gramática de Port Royal*, de Lancelot e Arnaud, modelo para grande número de gramáticas do século XVII, demonstra que a linguagem se funda na razão, é a imagem do pensamento e que, portanto, os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua.

Por sua vez, o conhecimento de um número maior de línguas vai provocar, no século XIX, o interesse pelas línguas vivas, pelo es-

tudo comparativo dos falares, em detrimento de um raciocínio mais abstrato sobre a linguagem, observado no século anterior. É nesse período que se desenvolve um método histórico, instrumento importante para o florescimento das *gramáticas comparadas* e da *Linguística Histórica*. O pensamento linguístico contemporâneo, mesmo que em novas bases, formou-se a partir dos princípios metodológicos elaborados nessa época, que preconizavam a análise dos fatos observados. O estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular.

Franz Bopp é o estudioso que se destaca nessa época. A publicação, em 1816, de sua obra sobre o sistema de conjugação do sânscrito, comparado ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico é considerada o marco do surgimento da Linguística Histórica. A descoberta de semelhanças entre essas línguas e grande parte das línguas europeias vai evidenciar que existe entre elas uma relação de *parentesco*, que elas constituem, portanto, *uma família*, a *indo-europeia*, cujos membros têm uma origem comum, o indo-europeu, ao qual se pode chegar por meio do método histórico-comparativo.

O grande progresso na investigação do desenvolvimento histórico das línguas ocorrido no século XIX foi acompanhado por uma descoberta fundamental que veio a alterar, modernamente, o próprio objeto de análise dos estudos sobre a linguagem - *língua literária* até então. Os estudiosos compreenderam melhor do que seus predecessores que as mudanças observadas nos textos escritos correspondentes aos diversos períodos que levaram, por exemplo, o latim a transformar-se, depois de alguns séculos, em português, espanhol, italiano, francês, poderiam ser explicadas por mudanças que teriam acontecido na *língua falada* correspondente.

É no século XIX que se descobre a semelhança entre a maior parte das línguas europeias e o sânscrito. A esse conjunto de línguas se chamou línguas indo-europeias. Os indo-europeístas acreditavam que as semelhanças encontradas entre as línguas indicam um parentesco entre elas, como se fossem da mesma família.

O objetivo deste estudo é encontrar a língua mãe, a origem das línguas. Essa língua de origem, o indo-europeu, não é uma língua da qual se tenham documentos. É uma reconstrução teórica, um conceito.

As gramáticas comparadas contribuíram aos estudos da linguagem no sentido de mostrar que as mudanças são regulares, têm uma direção.

No século XIX, para mostrar a regularidade, alguns linguistas históricos, conhecidos como neo-gramáticos, chegaram a enunciar leis para as mudanças na língua: as leis fonéticas, pelas quais eles

procuravam explicar a evolução. Construíram uma escrita própria para anotar as formas em sua evolução.

Por meio dessa escrita, podemos observar palavras de diferentes línguas como o espanhol “lluvia” e o português “chuva” e identificar o parentesco existente entre essas línguas. “Lluvia” e “chuva” evoluíram da mesma palavra latina “pluviam”. É o caso também do espanhol “lleno” e do português “cheio” que derivam de “plenum”, podemos reconhecer uma regularidade na evolução: pl>ch (português) e pl>ll (em espanhol). O sinal > significa transformar-se “em”.

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

2. LINGUÍSTICA: A CIÊNCIA DA LINGUAGEM

2.1. O SIGNO LINGUÍSTICO

Devido a nossa tradição escolar tende-se, muitas vezes, a identificar o estudo da linguagem com o estudo da gramática. No entanto, tal perspectiva se distingue dos estudos realizados pela Linguística, enquanto estudo científico da linguagem.

A Linguística distingue-se da gramática tradicional, normativa, visto que esta última se preocupa em prescrever normas ou ditar regras de correção para o uso da linguagem. Já a Linguística é a ciência que estuda a toda linguagem verbal ou escrita que faz parte da língua, tendo nela sua matéria de estudo e reflexão.

Os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são chamados de *signos*. Ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles, o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora sua cultura e sua identidade, etc. Eles são fundamentais, pois dão ao homem sua dimensão simbólica, ligando-o aos outros homens e à natureza, isto é, a sua realidade social e natural.

Há, além dos signos da linguagem verbal, muitas outras espécies de signos que povoam de linguagens a vida do homem: a pintura, a mímica, o código de trânsito, a moda, as linguagens artificiais, etc. Os signos, em geral, tanto os das linguagens não-verbais quanto os da linguagem verbal, são objetos de uma ciência geral dos signos: a Semiologia.

A ideia de que o núcleo fundamental da língua reside no signo é própria de vários pensadores e escolas de pensamento, desde a Antiguidade grega até a Idade Média e até os nossos dias. Com efeito, qualquer locutor está mais ou menos consciente do fato de que a linguagem simboliza, representa, nomeando-os, os fatos reais. Os elementos da cadeia falada, digamos por agora as palavras, estão associados a certos objetos ou fatos que eles significam.

2.1.1. Signo segundo peirce

O signo ou *representamen*, diz Peirce, é aquilo que substitui qualquer coisa para alguém. O signo dirige-se a alguém e evoca para ele um objeto ou um fato na ausência desse objeto e desse fato. Por isso dizemos que o signo representa *in absentia*. *In praesentia*, isto é, em relação ao objeto presente que ele re-presenta, o signo parece estabelecer uma relação de convenção ou de contrato entre o objeto material representado e a forma fônica representante. Para os gregos, uma bandeira ou uma insígnia são símbolos, tal como um bilhete de teatro, um sentimento ou uma crença: vemos que o que une estes fenômenos e torna possível uma denominação comum é o fato de todos substituírem ou representarem qualquer

coisa ausente, evocada por um intermediário e, por conseguinte, incluída num sistema de troca numa comunicação.

Na teoria de Peirce, o signo é uma relação triádica estabelecida entre um *objeto*, o seu *representante* e o *interpretante*. O interpretante, para Peirce, é uma espécie de base sobre a qual se instaura a relação objeto-signo, e corresponde à ideia no sentido platônico do termo, pois o signo não representa todo o objeto, mas apenas uma ideia dele, ou como diria Sapir, o *conceito* desse objeto.

Teoricamente, podemos afirmar que os signos linguísticos estão na origem de qualquer simbolismo: que o primeiro ato de simbolização é a simbolização na e pela linguagem. Isto não exclui o fato de nos aparecer uma grande diversidade de signos nos diferentes domínios da prática humana. Consoante a relação entre o representante e o objeto representado, Peirce conseguiu classificá-los em três categorias:

O *ícone*, que se refere ao objeto por uma semelhança com ele. Por exemplo, o desenho de uma árvore que representa a árvore real, parecendo-se com ela é um ícone.

O *índice*, que não se parece forçosamente com o objeto, mas é afetado por ele e, deste modo, tem qualquer coisa de comum com o objeto. Assim, o fumo é um índice do fogo.

O *símbolo*, refere-se a um objeto que ele designa por uma espécie de lei, de convenção, por intermédio da ideia. São assim os signos linguísticos.

Sugestão: Para complementar seus estudos, leia sobre Peirce em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce

2.1.2. Saussure e o signo linguístico

Embora Peirce tenha feito uma teoria geral dos signos, é a Saussure que devemos o primeiro desenvolvimento exaustivo e científico do signo linguístico na sua concepção moderna. No seu *Curso de Linguística Geral*, 1916, Saussure observa que seria ilusório acreditar que o signo linguístico associa uma coisa e um nome; a ligação que o signo estabelece é entre um *conceito* e uma *imagem acústica*. A *imagem acústica* não é som em si mesmo, mas “a marca psíquica desse som, a representação que dele nos é dada pelo testemunho dos nossos sentidos”. Assim, para Saussure, o signo é uma realidade psíquica com duas faces, sendo uma o conceito e a outra a imagem acústica. Por exemplo, para a palavra “pedra”, o signo é constituído pela imagem acústica *pedra* e pelo conceito “pedra”: um invólucro cômico que contém aquilo que é comum às milhares de representações que podemos ter do elemento distinto “pedra”.

Essas duas faces inseparáveis do signo, que Saussure descreve com as duas faces de uma mesma folha, chamam-se *significado* (o conceito) e *significante* (a imagem acústica). Para Saussure, o signo

linguístico é definido pela relação significante-significado, da qual é excluído o objeto designado sob o termo de *referente*: a linguística não se ocupa do referente, interessa-se apenas pelo significante, pelo significado e pela sua relação.

Um dos postulados de base da linguística é que o signo é *arbitrário*. Quer dizer que não há nenhuma relação necessária entre o significante e o significado: o mesmo significado “pedra” tem como significante em francês, *pier*, em russo, *kame*, em inglês, *stoun*, em chinês, *shi*. Isto não quer dizer que os significantes sejam escolhidos arbitrariamente por um ato voluntário individual e que, por conseguinte, possam ser alterados de um modo igualmente arbitrário. Pelo contrário, o “arbitrário” do signo é por assim dizer normativo, absoluto, válido e obrigatório para todos os sujeitos que falam a mesma língua, denotando mais exatamente *imotivado*; quer dizer que não há nenhuma necessidade natural ou real que ligue o significante e o significado. O fato de certas onomatopeias e exclamações parecerem imitar os fenômenos reais e, deste modo, parecerem motivadas não suprime este postulado linguístico, visto que se trata de fato de um caso com uma importância secundária.

Sugestão: Para conhecer mais sobre Saussure, acesse:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure

2.1.3. Algumas críticas a Saussure

A teoria do signo, que tem a vantagem de por o problema da relação entre a língua e a realidade no exterior do campo das preocupações linguísticas, e de permitir o estudo da língua como um sistema formal, submetido a leis e constituído por estruturas ordenadas e transformacionais, está hoje exposta a uma crítica que, embora não a destrua completamente, lhe impõe certas modificações.

Assim, a teoria assenta na redução da rede fônica complexa que é o discurso a uma cadeia linear na qual se isola um elemento mínimo correspondente à palavra. Com efeito, a palavra só ganha a sua significação completa numa frase, isto é, por e numa relação sintática. Por outro lado, essa mesma palavra pode ser decomposta em elementos morfológicos menores do que ela, os *morfemas*, eles mesmos portadores de significação, e cujo conjunto constitui a significação da palavra. Assim, nas palavras *dar* e *dádiva* podemos isolar o morfema *da*, que implica a ideia de *oferta*, e os morfemas *r* e *diva*, que atribuem diversas modalidades à raiz *da*. Por fim, a significação dessa palavra não fica completa se não a estudarmos num discurso, tendo em conta a enunciação do sujeito falante.

Compreende-se que a palavra, concebida como entidade indivisível de valor absoluto, se torne suspeita aos olhos dos linguistas e deixe de ser, hoje em dia, o apoio fundamental da reflexão sobre o funcionamento da linguagem. É cada vez mais

necessário afastá-la da ciência da linguagem. Martinet escreve que “a semiologia (a ciência dos signos), tal como a deixam entrever certos estudos recentes, não tem nenhuma necessidade da palavra. E não se imagine que os semiologistas pensem, de fato, na ‘palavra’ quando escrevem ‘signo’. Alguns talvez pensem de preferência em ‘frase’ ou ‘enunciado’, sem esquecerem nunca, aliás, que o r de pagaré também é um signo”. O autor propõe a substituição da noção de *palavra* pela de *sintagma*.

Além disso, e sem dúvida em estreita dependência com o isolamento da palavra como elemento de base da língua, a teoria do signo constrói-se sobre a dominância do *conceito* como interpretante matricial dos elementos da linguagem. Portanto não há linguagem no exterior do conceito, visto que este, enquanto significado constrói a própria estrutura do signo. A aceitação, até ao extremo, desta tese leva-nos a banir do domínio da linguagem tudo o que não é da ordem do conceito: o sonho, o inconsciente, a poesia, etc., ou pelo menos a reduzir sua especificidade a um mesmo e único tipo de funcionamento conceitual. Conduz-nos a uma visão normativa do funcionamento significante, que não consegue abordar a multiplicidade das práticas significantes, isto quando não as relega para uma patologia a reprimir. Certos linguístas, como Sapir, observam a este respeito que é inexato confundir a linguagem com o pensamento conceitual, chegando mesmo a afirmar que a linguagem é antes de tudo uma função “extra-racional”, o que quer dizer que a sua matéria se oferece a práticas de diferenciação e de sistematização que independem da atuação racional do sujeito.

Por fim, a noção arbitrária do signo foi posta em causa por um exame crítico. O raciocínio saussureano parece ter admitido um erro: embora afirme que a substância (o referente) não faz parte do sistema da língua, Saussure pensa justamente no referente real quando afirma que [böf] e [oks], tão diferentes pelos seus significantes, se referem a uma mesma ideia (a um mesmo significado), e que por conseguinte, a relação significante-significado é arbitrária. No fundo, como observa Benveniste, não é a relação entre o significante [böf] e o significado “boi” que é arbitrária. A ligação [böf] – “boi” é necessária, o conceito e a imagem acústica são inseparáveis em encontram-se em “simetria estabelecida”. O que é arbitrário é a relação desse signo com a realidade que ele nomeia, ou por outras palavras, a relação do símbolo de linguagem na sua totalidade com o exterior real que ele simboliza. Parece haver aqui uma contingência que, no estado atual da ciência linguística, não conseguiu encontrar uma explicação que não fosse filosófica ou teórica.

Quais foram as teorias que apareceram a favor da brecha assim aberta na concepção da língua como sistema de signos?

A própria linguística, apoiando-se na concepção (permitida pela teoria do signo) de que a língua é um sistema formal, desinteressa-se dos aspectos simbólicos da linguagem, e estuda a sua ordem estritamente formal como uma estrutura “transformacional”. Estas são as teorias atuais de Noam Chomsky. Num primeiro momento, ele abandona o nível da palavra para se ocupar da estrutura da frase, que se torna assim o elemento linguístico de base suscetível de ser sintetizado e partir de funções sintáticas. Num segundo momento, os elementos sintáticos fundamentais (o sujeito e o predicado) são decompostos, representados pelas notações “algébricas” X e Y, e tornam-se, no decorrer de um processo dito “generativo”, nomes e verbos. Os problemas de significação são substituídos por uma formalização que representa o processo de síntese através do qual os “universais” linguísticos (constituintes e regras gerais) podem engendrar frases gramaticalmente e, por conseguinte, semanticamente corretas. Em vez de investigar por que é que a língua é constituída por um sistema de signos, a gramática gerativa de Chomsky mostra o mecanismo formal, sintático, desse conjunto recursivo que é a língua e cuja realização correta tem como resultado uma significação.

Vemos, portanto, que a linguística moderna vai mais longe que Saussure, “dessubstancializa” a língua e representa a significação (com o que a princípio não se preocupa) como o resultado de um processo de transformação sintática que engendra frases. Há aqui uma tentativa que lembra a do linguista Bloomfield, que já excluía a semântica do domínio da linguística e a remetia para o domínio da psicologia.

De outro ponto de vista, baseando-se numa crítica filosófica do próprio conceito de signo, que liga a *voz* e o *pensamento* de tal modo que chega a apagar o significante em proveito do significado, outros autores observaram que a escrita, enquanto marca ou traço (aquilo que se chama, segundo uma terminologia recente, de *grama*), desvenda no interior da língua uma “cena” que o signo e o seu significado não podem ver: uma cena que, em vez de instaurar uma semelhança como faz o signo, é, pelo contrário, o próprio mecanismo da diferença. Com efeito, na escrita há traço, mas não há representação, e esse traço essa marca forneceu as bases de uma nova ciência teórica a que se chamou *gramatologia*.

Sugestão: Leia sobre Martinet e sua teoria em [http://www.info-
pedia.pt/\\$andre_martinet](http://www.info-
pedia.pt/$andre_martinet) e sobre Bloomfield em [http://ptwikipedia.
org/wiki/Leonard_Bloomfield](http://ptwikipedia.
org/wiki/Leonard_Bloomfield).

2.2. A LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

A Linguística pode ser considerada uma ciência interdisciplinar, pois ela conta com a colaboração de vários campos do saber como a Psicanálise, Antropologia, Literatura, Psicolinguística entre outras. Para Lopes (1995, p. 24),

A linguística é uma ciência interdisciplinar. Ela toma emprestada a sua instrumentação metalinguística dos dados elaborados pela Estatística, pela teoria da Informação, pela Lógica Matemática, etc., e, por outro lado, na sua qualidade de ciência-piloto, ela empresta os métodos e conceitos que elaborou à Psicanálise, à Musicologia, à Antropologia, à Teoria e Crítica Literária, etc.; enfim, ela se dá, como Linguística Aplicada, ao Ensino das Línguas e à Tradução Mecânica.

Isso posto, podemos observar que a Linguística realiza um estudo em conjunto com outras disciplinas, ora como apoio a elas, ora como alicerce delas.

Retomada dos estudos 1 e 2 ?

- O interesse pela linguagem é muito antigo: mitos, lendas, rituais
- Os gregos preocuparam-se, principalmente, em definir as relações entre o conceito e a palavra que o designa, ou seja, tentavam responder à pergunta: haverá uma relação necessária entre a palavra e o seu significado? Platão discute muito bem essa questão no *Crátilo*. Aristóteles desenvolveu estudos noutra direção, tentando proceder a uma análise precisa da estrutura linguística, chegou a elaborar uma teoria da frase, a distinguir as partes do discurso e a enumerar as categorias gramaticais.
- Na Idade Média, os *modistas* consideraram que a estrutura gramatical das línguas é una e universal, e que, em consequência, as regras da gramática são independentes das línguas em que se realizam. No século XVI, a religiosidade atizada pela Reforma provoca a tradução dos livros sagrados em numerosas línguas, apesar de manter-se o prestígio do latim como língua universal. Viajantes, comerciantes e diplomatas trazem de suas experiências no estrangeiro o conhecimento de línguas até então desconhecidas. Em 1502 surge o mais antigo dicionário poliglota, do italiano Ambrosio Calepino.
- Nos séculos XVII e XVIII, continuam/prosseguem às preocupações dos antigos em relação à linguagem. Em 1660, a *Grammaire Générale et Raisonnée de Port Royal*, ou *Gramática de Port Royal*, de Lancelot e Arnaud, modelo para grande número de gramáticas do século XVII, demonstra que a linguagem se funda na razão, é a imagem do pensamento e que, portanto, os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua.

- O conhecimento de um número maior de línguas vai provocar, no século XIX, o interesse pelas línguas vivas, pelo estudo comparativo dos falares, em detrimento de um raciocínio mais abstrato sobre a linguagem, observado no século anterior. É nesse período que se desenvolve um método histórico, instrumento importante para o florescimento das *gramáticas comparadas* e da *Linguística Histórica*. O pensamento linguístico contemporâneo, mesmo que em novas bases, formou-se a partir dos princípios metodológicos elaborados nessa época, que preconizavam a análise dos fatos observados. O estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular.
- Linguística: é o estudo científico da linguagem. Como ciência, a Linguística dedica-se a descrever e a explicar os fenômenos da língua, e não a formular instruções sobre determinados usos. A reflexão sobre os diversos aspectos da linguagem, seja de forma individual ou como escola linguística, tem sido uma preocupação desde o século V a.C., já na Grécia. A linguística moderna, porém, como disciplina acadêmica, é basicamente um produto do século XX. Ela teve um impulso cada vez maior, pois nas últimas décadas, vem despertando o interesse não só dos estudiosos, mas também do público em geral. Isso por sua ligação com outras ciências que procuram explicar o comportamento e a evolução do ser humano.
- O estudo dos fatos da língua, iniciado pelos gregos e desenvolvido principalmente pelos franceses, era chamado genericamente de Gramática e buscava principalmente formular regras. A seguir veio a Filologia, que, comparando textos de diferentes épocas e decifrando línguas arcaicas, passou a se ocupar também da história literária e dos costumes de cada região. Assim, foram se definindo a Gramática Histórica, chamada por alguns de Linguística Histórica, e a Gramática Comparativa ou Comparada, também chamada de Linguística Comparada. Esses ramos de estudo, no entanto, seguiam caminhos particulares, não se integrando para explicar os fenômenos linguísticos. Isso só foi possível mais tarde, por volta de 1870, quando os aspectos históricos, temporais e espaciais começaram a ser considerados como meios para compreendermos os fatos da língua. Surgiu, assim, a Linguística Geral, que viu na língua “não um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos”, no dizer de Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna.

- A linguística geral é diacrônica e sincrônica:
- Linguística diacrônica Analisa um fenômeno linguístico nos diferentes momentos históricos da língua a que pertence. Ao estudar a palavra *ter*, por exemplo, considera a sua etimologia, sua evolução fonética e os diversos significados e aplicações que vem tendo, de sua origem até a atualidade: *tenere* > *teer* > *ter*
- Linguística sincrônica Estuda a língua num momento histórico determinado, atual ou não. Na palavra *ter* analisa os elementos fonológicos, as características morfossintáticas e as diversas acepções que esta palavra assume na atualidade ou assumiu em outros momentos históricos.
- Os estudos linguísticos no século XX tomaram rumos diversos nos vários países em que se desenvolveram, definindo escolas ou correntes teóricas. Cada uma dessas escolas privilegia um ou outro aspecto da linguagem. Entre elas, destacam-se:
- Gerativismo: procura mostrar a capacidade do falante-ouvinte de produzir e compreender um número infinito de frases que nunca tenha ouvido antes, mediante um número finito de regras e elementos que se combinam.
- Pragmatismo: aborda a relação do discurso que envolve o falante, o ouvinte e a situação comunicativa concreta em que ele é produzido. Sua unidade fundamental é o ato da fala, ou seja, a produção de uma determinada mensagem, em determinadas condições, com uma determinada intenção.
- Estruturalismo: entende a língua como um sistema articulado, em que todos os elementos estão interligados. É a posição estrutural do elemento que vai conferir-lhe o valor e a função.
- A linguagem não é só objeto científico da linguística, mas também o ponto de partida e matéria de outras áreas do conhecimento, como as que focalizam o comportamento social e psicológico do ser humano:
- Sociolinguística: estuda as relações entre a língua e os comportamentos sociais. As mudanças por que passam as sociedades e que se refletem na evolução da língua.
- Psicolinguística: estuda a capacidade da mente humana de produzir e compreender a língua.
- Semiótica ou semiologia: estudo geral dos signos e sistemas de significação. Em razão da grande importância que tem o campo da comunicação humana, usa-se este termo para designar sistemas específicos: semiótica do cinema, da publicidade, de sistemas musicais, da literatura, entre outros.
- Dialectologia: procura conhecer as variantes linguísticas de um território, seus limites e suas influências.
- A língua é um conjunto de elementos que se relacionam entre si e que constituem um código; é uma estrutura organizada,

um sistema que se compõe de palavras, ou signos linguísticos. Diariamente usamos esse complexo sistema linguístico para nos comunicar: selecionamos automaticamente alguns fonemas para constituir morfemas; estes podem formar palavras; as palavras podem compor sintagmas, os sintagmas formam orações e estas vão compor diferentes textos.

- A linguagem verbal é o meio utilizado pelo homem para se comunicar por meio de signos linguísticos ou palavras. A linguagem verbal é um atributo exclusivo do ser humano. Os animais também têm sua linguagem, que não é verbal, pois não utiliza palavras. Podemos ainda falar da linguagem das flores, dos sons ou das cores. Mas essa é a chamada linguagem metafórica.
- Língua ou idioma: é a manifestação da linguagem verbal de uma comunidade linguística ou nação, constituída de um conjunto coerente de signos linguísticos, orais e gráficos. É um sistema organizado de comunicação, resultado do desenvolvimento socioeconômico, por meio do qual todos os membros de uma comunidade dialogam e trocam experiências, empregando o mesmo código linguístico.
- Sistema : é constituído pela inter-relação de elementos de um conjunto, cada um deles definido pela oposição aos restantes. O corpo humano, por exemplo, não é somente uma soma das partes. É composto pelos sistemas circulatório, digestivo, respiratório, todos intimamente ligados, mas cada um com suas funções específicas. A vida social, política e religiosa organiza-se em sistemas e subsistemas. Os componentes de um sistema estão de tal maneira relacionados que a supressão ou incorporação de qualquer um deles traz consequências para todos os outros.
- A língua é constituída de elementos (fonemas, morfemas e termos) que combinados, conforme regras bem-definidas e concretas mudança de posição, entonação, concordância, oposição originam mensagens diferentes. Assim, a língua é um sistema que compreende outros sistemas: o fônico, o sintático e o mórfico.
- Um signo em geral é algo perceptível que representa uma realidade não presente no próprio signo. Isto é, através de algum dos órgãos dos sentidos, ou de mais de um deles, podemos perceber um signo, que substitui uma algo não perceptível naquele momento ou que não podemos fazer perceber. Existem signos:
 - Naturais: febre
 - Artificiais: a caveira com dois ossos cruzados.
 - Intencionais: o sinal de PARE
 - Não intencionais: o rubor.

O signo é a unidade de qualquer sistema de comunicação. O signo linguístico está incluído nesse conceito, uma vez que qualquer pessoa que pronuncie ou escreva uma palavra *rosa*, por exemplo, usará o conjunto de sons ou letras, ou a realidade perceptível, que evoque em nós o conceito de *rosa*.

Características do Signo Linguístico

- Biplânico: Associação de um significado ou ideia a um significante ou nome. São duas partes inseparáveis.
- Arbitrário: A relação entre o significado e o significante quase sempre é convencional. Salvo raras exceções (como as palavras formadas por onomatopeias), não existe uma razão concreta para que um significante esteja associado a um significado. Isto explica o fato de que cada língua use diferentes significantes para um mesmo significado.
- Linear: Os componentes de cada signo se apresentam um após outro, tanto na fala como na escrita.
- Articulado: As maiores unidades linguísticas podem dividir-se em partes menores, reconhecíveis e intercambiáveis. Essa característica é própria e exclusiva do código linguístico e graças a ela podemos obter um número infinito de mensagens partindo de um número reduzido de unidades.

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

3. CORRENTES ESTRUTURALISTAS

3.1. SAUSSURE

Já explanamos algumas ideias de Saussure em momento anterior. Iremos agora aprofundar um pouco mais essas questões e relacioná-las com o estruturalismo linguístico.

Ferdinand de Saussure é o pai da linguística moderna, o homem que reorganizou o estudo sistemático da linguagem e das línguas de maneira a tornar possíveis as realizações da Linguística do século XX. A Linguística começa com o *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, publicado em 1916, sobre o qual se construiu todo o edifício da Linguística moderna e resulta de anotações de aulas reunidas e publicadas por dois de seus alunos: Ch. Bally e A. Sechehaye.

Interessante mencionar, aqui, que Saussure é conhecido, mundialmente, pelo *Curso de Linguística Geral*. No entanto, talvez não tenha sido esta a tarefa em que ele mais se empenhou. Além de dar aulas de Linguística, ele analisava anagramas, aos quais dedicou a escrita de mais de 100 cadernos que hoje estão guardados na Biblioteca Pública de Genebra e em torno dos quais se fez um silêncio discreto.

Mas o Saussure conhecido é o do *Curso*, que deu à linguagem uma ciência autônoma, independente. Hoje, Saussure é referência obrigatória para qualquer teoria linguística. Ele está sempre presente nas mais diversas reflexões a respeito da linguagem.

A ciência que ele constituiu, a Linguística, tem vertentes que correspondem a diferentes níveis de análise: a fonologia (estudo das unidades sonoras); a sintaxe (estudo da estrutura das frases) e a morfologia (estudo das formas das palavras) que, juntas, constituem a gramática; e a semântica.

É com Saussure que a Linguística ganha seu objeto específico: a língua. Para ele, a língua é um “sistema de signos”, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. É ele que considera o signo como a associação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito). É fundamental mencionar que não se pode confundir a imagem acústica com o som, pois ela é, como o conceito, psíquica e não física. Ela é a imagem que fazemos do som no nosso cérebro.

Saussure ainda enfatiza que o traço que une significante e significado é arbitrário, convencional e imotivado, ou seja, esse sistema que é a língua é formado de unidades abstratas e convencionais. Não há motivo para que “cão” se chame “cão”. Mas uma vez que se atribua esse nome, ele passa a ter um valor na língua e, no nosso cérebro, o associamos com a idéia de “cão” e não “gato”.

Dessa maneira, da relação de diferença que os signos constituem o sistema da língua. Um signo sempre tem relação com outro

signo que ele não é. Por isso o valor do signo é relativo e negativo: “cão” significa “cão” porque não significa “gato”; e “gato” não significa “rato” e assim por diante.

Agora vamos passar a algumas distinções importantes importantes feitas por Saussure:

- A primeira diz respeito à língua X fala. Para ele, a língua é um sistema abstrato, um fato social, geral, virtual; a fala, ao contrário, é a realização concreta da língua pelo sujeito falante, sendo circunstancial e variável. Ele excluiu a fala do campo da Linguística, pois ela depende do indivíduo e não é sistemática.

- A outra distinção é a que separa a sincronia (o estado atual do sistema da língua) e diacronia (sucessão, no tempo, de diferentes estados da língua em evolução). Ele não leva em conta a diacronia nos estudos da Linguística, pois, segundo ele, é incompatível a noção de sistema e evolução.

Residem aí a importância dos conceitos de língua, valor e diacronia. É com eles que Saussure institui a base da Linguística como ciência.

3.1.1. O Estruturalismo

Os sucessores de Saussure irão chamar de estrutura a organização interna da língua que ele chama de sistema. Isso significa que cada elemento da língua só adquire valor quando se relaciona com o outro. Para ilustrar isso, Saussure utiliza o jogo de xadrez. Segundo ele, a peça do jogo (o cavalo, por exemplo) tem sua identidade da relação de oposição que tem com as outras peças e da sua posição em relação ao todo. Sua identidade depende do seu lugar no tabuleiro, do seu valor no jogo (e não do material que é feito – osso, madeira- e nem da figura aparente).

Dessa forma, considera que qualquer unidade linguística se define pela posição que ocupa na rede de relações que constitui o sistema total da língua.

3.2. FUNCIONALISMO

Uma das formas do estruturalismo é o funcionalismo. Seu objetivo é levar em conta as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos a partir dos aspectos fônicos, gramaticais e semânticos.

Em relação aos aspectos fônicos, o que a fonologia vai estabelecer através da noção de função é que entre os traços sonoros fisicamente presentes em uma pronúncia, somente alguns têm valor distintivo, ou seja, somente alguns têm função na comunicação de uma informação. Esses traços são considerados fonologicamente pertinentes. Por exemplo, o traço que distingue t/d na oposição entre dente/tente (d é sonoro e t surdo). Já entre soldado/sordado não há oposição, e a diferença entre “l” e “r”, nessa posição, não é pertinente, não distingue um signo do outro.

Outra questão trabalhada pelos funcionalistas é com relações de contraste. Para eles, as oposições e os contrastes constituem os dois eixos, o paradigmático e o sintagmático, que são o suporte da organização geral do sistema da língua. O eixo paradigmático é o que organiza as relações de oposição (ou/ou), em que as unidades se substituem (tomo/como); e o eixo sintagmático é aquele que representa as relações de contraste (e+e) em que as unidades se combinam (c+o+m+o= como).

Nesse sentido, é que a estrutura da língua estaria sustentada por estas relações de substituição ou combinação de formas.

3.2.1. O Funcionalismo de Martinet: a dupla articulação da Linguagem

A dupla articulação, na hipótese funcionalista de A. J. Martinet, consiste em uma organização específica da linguagem humana, segundo a qual todo o enunciado se articula em dois planos. **No primeiro plano**, ou **primeira articulação**, o enunciado divide-se linearmente em unidades significativas: frases, vocábulos e morfemas. Assim, o enunciado “Nós falávamos bem”, articula-se, isto é, divide-se em três vocábulos: nós-falávamos-bem. Enquanto *nós* e *bem* são indivisíveis em unidades menores, *falávamos* decompõe-se em quatro morfemas *fal-á-va-mos*.

A segunda articulação só diz respeito ao plano da expressão. A substituição de um dos segmentos, assim definido por outro de mesmo tipo nem sempre acarreta a mesma variação de sentido. Graças a segunda articulação, algumas dezenas de fonemas permitem formar dezenas de milhares de significantes diferentes.

A dupla articulação evita sobrecarga da memória e permite economia de esforços na produção e compreensão da linguagem verbal; sem ela, seria preciso recorrer a morfemas e fonemas diferentes para designar cada nova experiência.

A terminologia usada para designar as unidades de primeira articulação varia muito. A. J. Martinet designa *monemas*, distinguindo, ainda, os *lexemas*, *monemas* que se situam no léxico e *morfemas*, os que se situam na gramática. Já a linguística norte-americana, de modo geral, denomina os monemas de morfemas, distinguindo os morfemas lexicais */cant-/* dos gramaticais */-a-/ /-va-/*

3.2.2 Funções da linguagem

Outra forma de funcionalismo é aquela que considera as funções constitutivas da natureza da linguagem. Essas funções são caracterizadas de acordo com cada um dos elementos do esquema de comunicação:

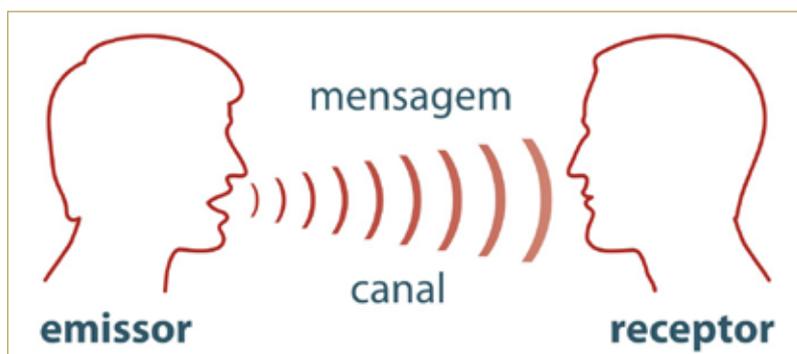


Figura 1

Temos então as seguintes funções:

a) Expressiva: é aquela centrada no emissor. Quando, por exemplo, uma pessoa diz "ai", a função dominante é expressar o sentimento de quem fala.

b) Conativa: é aquela centrada no receptor. Se alguém diz: "Maria, você tem horas?" ao dizer "Maria" está centrando a função da sua fala no destinatário, com quem está falando.

c) Referencial: é aquela centrada no objeto de comunicação. Quando alguém diz "São nove horas", está centrando sua comunicação nem estado de coisas do mundo (referente).

d) Fática: é aquela centrada no canal, no contato que liga emissor e receptor. Toda vez que se cumprimenta alguém "Oi!" está se privilegiando o próprio contato estabelecido com a outra pessoa.

e) Poética: é aquela centrada na mensagem. Geralmente, essa função aparece na literatura, mas ela se dá toda vez que se enfatiza a própria mensagem, na comunicação. Por exemplo, em vez de dizer "guri", eu digo "gato".

f) Metalingüística: é aquela centrada no próprio código. Quando, por exemplo, eu dou um sinônimo, ou explico o sentido de uma palavra, ou digo que a palavra "computador" é um substantivo, em todos esses casos, estou usando a linguagem para falar da própria linguagem.

Essa forma de funcionalismo trouxe várias contribuições para os estudos referentes à linguagem. Aproximou a Linguística da Literatura e levou em conta aspectos fundamentais da linguagem quanto a seus usos nos diferentes processos de comunicação

3.2.3. O distribucionalismo

O distribucionalismo é outra forma de estruturalismo. Um estudioso chamado Bloomfield propõe, nos Estados Unidos, uma teoria geral da linguagem que leva em conta a interioridade do homem, ou seja, considera uma explicação comportamental (behaviorista) dos fatos linguísticos, fundada no esquema estímulo/resposta.

Segundo o distribucionalismo, para se estudar uma língua deve-se reunir um conjunto de enunciados emitidos pelos falantes em um

certo momento (o que se chama corpus) e, sem questionar seu significado, procura encontrar seu modo de organização, sua regularidade. Nesse sentido, é que o distribucionalismo não leva em conta o historicismo na linguagem e também questões relativas ao significado.

Quanto à distribuição, ela pode ser verificada em todos os níveis da linguagem: fonológico, sintático e mesmo semântico. Orlandi, em seu livro, *O que é Linguística* (1986), assim exemplifica essa questão:

....se poderia analisar no nível semântico, a distribuição de uma palavra como "tomar", que faz com que eu a encontre no contexto "tomar sopa" e não "tomar carne assada", etc...Mas isso deve ser feito só a partir da análise dos contextos em que a palavra aparece, sem referir ao seu significado.

O objetivo do método distribucional é detectar unidades e estabelecer classes de equivalência entre elas. Para isso, os distribucionalistas segmentam a frase: um segmento maior (por exemplo, a menina come) é subdividido em dois (a menina/come); após, subdivide-se cada um deles (exemplo, a/menina) e assim até chegar a unidades mínimas indivisíveis.

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

4. CORRENTES FORMALISTAS

4.1. A GRAMÁTICA GERATIVO-TRANSFORMACIONAL: A TEORIA CHOMSKYANA

Em 1957, Avram Noam Chomsky (nascido em 1928), professor de linguística do MIT (Massachusetts Institute of Technology), publicou o livro *Syntactic Structures*, que veio a se tornar um divisor de águas na linguística do século XX. Nesta obra e em outras publicações, ele desenvolveu o conceito de gramática gerativa, cuja proposta distanciava-se do estruturalismo e do behaviorismo das décadas anteriores.

Chomsky mostrou que as análises sintáticas da frase praticadas até então eram inadequadas em diversos aspectos, sobretudo porque deixavam de considerar a diferença entre os níveis “superficial” e “profundo” da estrutura gramatical. Ele propõe, então, uma teoria a que chama gramática e centra seu estudo na sintaxe. Esta, para ele, constitui um nível autônomo, central para a explicação da linguagem.

O objetivo desta gramática é dar conta de todas as frases gramaticais, ou seja, que pertencem à língua e não ditar normas. Dessa maneira, é que surge a Gramática Gerativa de Chomsky. Gerativa porque permite, a partir de um número limitado de regras, gerar um número infinito de sequências que são frases, associando-lhes uma descrição.

Com o intuito de realizar seu projeto teórico-científico, Chomsky elege a Gramática Transformacional como a mais adequada, a que melhor atende às exigências das estruturas (sintáticas) da linguagem. Propõe, então, que a gramática transformacional tenha dois tipos de regras: sintagmáticas (geram estruturas abstratas) e de transformação (convertem essas estruturas abstratas nas sequências terminais, que são as frases da língua). As transformações, que podem ser obrigatórias ou facultativas, mudam a ordem das palavras, acrescentam ou apagam elementos da estrutura.

Com o desenvolvimento de sua teoria, Chomsky instituiu também a noção de estrutura profunda (EP), que é subjacente à superficial e em que se representam as formas abstratas. A estrutura profunda se relaciona à estrutura de superfície por meio de transformações.

Para alcançar seus objetivos, traçou outra distinção fundamental (semelhante à dicotomia língua-fala de Saussure) entre o conhecimento que uma pessoa tem das regras de uma língua e o uso efetivo desta língua em situações reais. Àquele conhecimento ele se referiu como competência (competence) e ao uso como desempenho (performance). A linguística, argumentou Chomsky, deve-se ocupar com o estudo da competência, e não restringir-se ao desempenho – algo que era característico dos estudos linguísticos anteriores. A descrição das regras que governam a estrutura desta competência era, portanto, o objetivo mais importante nesta teoria.

A tarefa do linguista, então, é descrever a competência do

falante (a competência é vista como a capacidade que todo falante/ouvinte tem de produzir/compreender todas as frases da língua). Além disso, faz parte dessa competência todo o saber que o falante tem a respeito das frases: ele sabe comparar estruturas sintáticas semelhantes, sabe separar frases que fazem parte da língua das que não fazem, etc.

Aqui o que se leva em conta, é um falante ideal e não locutores reais do uso concreto da linguagem. Por isso, a teoria chomskiana conduz ao universalismo. A faculdade da linguagem aparece aí como intrínseca à espécie humana: o homem já nasce com ela. A linguagem é inata, faz parte da natureza do homem.

A longo prazo, o objetivo dessa teoria era oferecer uma gramática capaz de avaliar a adequação de diferentes níveis de competência, e ir além dos estudos individuais para chegar à natureza da linguagem humana como um todo (pela descoberta dos “universais linguísticos”). Desse modo, esperava-se que a linguística pudesse dar uma contribuição a nosso entendimento da natureza da mente humana.

A essência da abordagem foi sintetizada por Chomsky no livro intitulado *Knowledge of Language*, de 1986. A obra surgiu como uma resposta para a seguinte pergunta: “Como é possível que os seres humanos, cujos contatos com o mundo são breves, pessoais e limitados, sejam ainda capazes de conhecer tanto quanto conhecem?” Pelo estudo da faculdade humana da linguagem, deveria ser possível mostrar como uma pessoa constrói um sistema de conhecimento a partir da experiência diária e, assim, dar algum passo na elucidação deste problema.

Um aspecto importante da proposta de Chomsky foi o aparato teórico que ele elaborou para tornar explícita a noção de competência (o sistema de regras e símbolos que oferece uma representação formal da estrutura sintática, semântica e fonológica dos enunciados. Uma noção primordial (a regra transformacional) fez que essa abordagem fosse designada comumente como gramática transformacional. A partir da década de 1950, boa parte da linguística se encarregou de desenvolver a forma das gramáticas gerativas, e a teoria original já foi reformulada diversas vezes. Durante o mesmo período, também houve várias propostas de modelos de análise gramatical alternativos aos expostos por Chomsky e seus seguidores, algumas das quais têm recebido considerável apoio.

4.2. REAÇÃO ÀS IDÉIAS DE CHOMSKY

Entre as escolas que se opõe ao gerativismo estão a tagnêmica, a gramática estratificacional e a Escola de Praga. A tagnêmica é o sistema de análise linguística desenvolvido pelo linguista americano Kenneth L. Pike e seus colaboradores em conexão

com seu trabalho de tradutores da Bíblia. Suas bases têm sido progressivamente elaboradas e são usadas para analisar um grande número de línguas até então não registradas, sobretudo na América Central e na África ocidental.

A gramática estratificacional foi desenvolvida nos Estados Unidos pelo linguista Sydney M. Lamb e tem sido vista por alguns linguistas como uma alternativa à gramática transformacional. Ela pode ser caracterizada como uma modificação radical da linguística pós-bloomfieldiana, mas tem diversos traços que a ligam ao estruturalismo europeu.

A Escola de Praga foi mencionada, anteriormente, por sua importância no período posterior à publicação do Curso de Saussure. Várias de suas idéias características (em particular, a noção de traços distintivos em fonologia) foram assumidas por outras escolas. Há vários trabalhos que utilizam a abordagem funcional da frase, uma herança de Praga. Por exemplo, o trabalho de Halliday, na Inglaterra, se inspirou na obra de Firth, oferecendo uma teoria mais sistemática e abrangente da estrutura da língua que a de Firth. A teoria de Halliday é intitulada de linguística sistêmica e vem sendo desenvolvida desde os anos 60. Nela, a gramática é considerada uma rede de “sistemas” de contrastes inter-relacionados, com especial atenção aos aspectos semânticos e pragmáticos da análise.

4.3. A SEMÂNTICA GERATIVA

A questão principal para a gramática gerativa transformacional centra-se em investigar qual a relação entre sintaxe e semântica. Essa questão é abordada pelos adeptos da Semântica Gerativa. Para eles, diferentemente da gramática gerativa transformacional, não há autonomia da sintaxe. Sintaxe e semântica, de acordo com eles, confundem-se num nível profundo e é nesse nível (o da representação semântica) que está tudo o que concerne à interpretação da frase.

Esses dissidentes procuram mostrar que a semântica, e não a sintaxe, é que tem o poder gerativo. Para tal, tomam as estruturas profundas cada vez mais abstratas e mais distantes das estruturas superficiais, reforçando a necessidade das transformações para chegar às frases realizadas.

A partir dessa abordagem, temos uma divisão: de um lado a semântica interpretativa (ou teoria padrão-ampliada) de Chomsky e, de outro, a semântica gerativa, cujo principal representante é Lakoff, um discípulo discordante de Chomsky.

Vale ressaltar ainda que é a partir das objeções feitas pelos semanticistas gerativos, Chomsky responde com reformulações em seu modelo, persistindo em mostrar a autonomia da sintaxe. Após a teoria-padrão, Chomsky propõe a teoria-padrão ampliada (1972) e, em 1976, faz novas reformulações que resultam na teoria-padrão ampliada revis-

ta. Essas versões têm sempre o propósito de valorizar cada vez maior da ES (estrutura de superfície), a atribuição de menor importância à EP (estrutura profunda) e de desprestígio ao papel das transformações.

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, F. da S. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. São Paulo: Nacional, 1981
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1987.
- CHALHUB, S. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. Brasília:UNB, 1998.
- DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FARACO, C. **Linguística Histórica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. V. 1 e 2. São Paulo: Contexto: 2002-2003
- KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LOPES, E. Fundamentos da linguística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 2000. Pág. 79
- LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. P. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1990
- TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1999
- WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.